

Fronteireiros: Memórias de reemigrantes no Oriente Paraguaio

Henrique Manoel Silva*

Resumo: A colonização da região oriental do Paraguai, ocorrida desde os anos 1970, envolveu expressivo fluxo de migrantes brasileiros oriundos principalmente dos estados meridionais do Brasil, a esse contingente se somou um outro, constituído por migrantes paraguaios provenientes da região central do Paraguai. Tal movimento de populações forjou uma experiência histórica única. Esse processo peculiar, que contraria os fluxos migratórios tradicionais no sentido periferia-centro, possibilitou a constituição de um mosaico étnico, econômico e cultural que transcende as dinâmicas de ocupação das regiões de fronteira descritas pela literatura tradicional. A observância desse fenômeno, vista a partir de relatos orais tem revelado aspectos dessa experiência histórica que a documentação escrita e as narrativas oficiais não permitem atingir. A história de vida dos migrantes e suas lutas pela boa terra (gutes land) nos reportam a um histórico de sucessivas tentativas de se estabelecer em condições melhores na nova fronteira, possibilitando compreender a dinâmica dos processos de reemigração, não apenas em seus condicionantes macro (sociais, econômicos e políticos), mas no sentido da trajetória e vivência cotidiana dos protagonistas dessa história.

Palavras-chave: Migrações, Memória, fronteira

Fronteireiros: Re-emigrants memories in the Eastern Paraguay

Abstract: The colonization of Eastern Paraguay region, which began in the 1970, involved a significant flux of Brazilian migrants, natives mainly of the southern states of Brazil. To this contingent, another variable was added, one built by Paraguayan migrants, from the Central region of Paraguay. Such population movement forged a unique historical experience. This peculiar process which contradicts the traditional migratory fluxes from the periphery to the center, enabled the construction of an ethnic, economic and cultural mosaic which transcends the occupation dynamics of border regions described in the traditional literature. The observance of this phenomenon, seen from the perspective of oral accounts, has revealed aspects of this historical experience which written documentation and official historical accounts have not attained. The life stories of the migrants and the constant fight for obtaining, good land report us to a history of successive attempts of establishing themselves in better conditions within the new frontier, making it possible to understand the dynamics and processes of re-migration. Not only are we able to understand it within the macro conditions (social, economic and political) but also in the daily trajectory and experiences of these protagonists.

Key words: Migrations, Memory, frontier

Durante os anos 1950, empresários agrícolas brasileiros começaram a demonstrar grande interesse pelas terras do oriente paraguaio, dado o fato de as terras mais ao norte, nos departamentos de Canindeyú e Amambay, serem consideradas áreas potencialmente

* Departamento de Fundamentos da Educação/Universidade Estadual de Maringá/UEM – Doutor em História Cultural

favoráveis à expansão da cafeicultura brasileira. Algumas companhias passaram a adquirir grandes extensões nessa região, a exemplo do latifundiário Geremias Lunardelli (então rei do café), que comprou da Cia. Matte Laranjeira mais de 450.000ha de terras. Entretanto, as condições climáticas da região subtropical logo revelaram-se pouco favoráveis a essa cultura, o que fez o empreendimento cafeeiro de Lunardelli retroceder, obrigando-o a seccionar suas terras em propriedades menores e revendê-las a grandes especuladores e empresas de colonização e de exploração madeireira (Laino, 1979).

O interesse brasileiro por essa zona de fronteira voltou à tona no início dos anos 1960, e em 1970 muitos imigrantes começaram a ingressar na região, concentrando-se inicialmente no departamento de Alto Paraná e avançando em direção ao norte de Canindeyú e Amambay. Os números de ingresso são surpreendentes, apesar de as estimativas serem todas bastante imprecisas. Segundo Kohlhepp(1984), em 1962 não havia mais que 2.250 colonos brasileiros nesses três departamentos, o que representava pouco mais de 4% da população local; já em 1972 esse número havia saltado para 29.000, e em 1983 alcançara, segundo esse mesmo autor, um número de 320.000 imigrantes. Outros autores, como Hay (1982), Pébayle (1994), Souchaud (2002), chegam a estimativas que variam de 350.000 à impressionante cifra de 500.000 brasileiros no país, predominando nos departamentos orientais ¹.

Parte substancial do fluxo migratório brasileiro para o Paraguai se deu em razão da existência de um contingente populacional excedente, fruto dos efeitos colaterais da modernização da agricultura no Sul do Brasil. Foi impulsionado também como desdobramento da necessidade acumulativa do capital oligopolista e monopolista ligado ao agronegócio que ansiava pela abertura e expansão de novas áreas de fronteiras, e porque os arranjos geopolíticos da conjuntura dos anos 1960 e 1970 entre Brasil e Paraguai se mostraram particularmente atraentes. Foi dentro desse quadro de ordenação de interesses que a nova fronteira se constituiu. Ao mesmo tempo em que estabelecia novos arranjos produtivos e introduzia inovações tecnológicas, recriava as condições de exclusão e subordinação da agricultura camponesa, tal qual a vivida pelos colonos sulistas no Brasil, vis-à-vis com o arcaísmo do mundo rural paraguaio.

Dentre os três grupos predominantes na região da zona alta de Canindeyú, onde hoje se localizam as cidades de La Paloma, Puente Kyjhá, Katueté, Cruce Guarani, Nueva

¹ Essas estimativas são, de modo geral, bastante controversas, pois não se baseiam em metodologias comuns. Mesmo as de caráter oficial pecam pela dificuldade de abrangência, posto que muitos recenseados omitem sua situação legal, ou informam dados incompletos acerca da família. Propostas mais atuais têm sugerido um levantamento que leve em conta variáveis que relacionem o idioma franco e o praticado no âmbito familiar como melhor indicativo tanto da realidade social quanto da origem dessas populações.

Esperanza e Corpus Christi, os brasileiros eurodescendentes são os mais numerosos, sobrepondo de modo expressivo a população paraguaia e a brasileira.

Evidentemente, embora apresentem certas características culturais comuns e tenham um histórico de reemigrações sucessivas semelhante, esse grupo não pode ser visto como um todo homogêneo. As condições de assentamento e dos arranjos familiares eram bastante diversas, embora, as agruras iniciais tenham acometido a todos de modo indistinto. A necessidade de enfrentamento e superação dessas dificuldades, somada ao total desamparo oficial por parte do governo paraguaio, condicionou nos primeiros tempos mecanismos de solidariedade e de ajuda mútua entre os colonos e que em Katueté acabaram se sobrepondo às barreiras etno-culturais existentes. Entretanto, essa solidariedade e o sentimento de pertencimento à comunidade começaram a se transformar prematuramente, à medida que a diferenciação socioeconômica entre os colonos se estabelecia, e tal diferenciação foi impulsionada pela seletividade decorrente da adoção, muitas vezes incalculada, das monoculturas comerciais e do seu pacote modernizador.

Muitos dos relatos que colhemos guardam um sentimento de nostalgia em relação aos primeiros tempos da colônia, quando as relações interpessoais eram mais diretas e simples e o distanciamento entre os mais afortunados e os humildes menos evidente. Eis alguns destes testemunhos, memórias dos fronteireros em terras paraguaias.

O relato do Sr. Cláudio Hobold, apesar de um tanto lacunar, nos dá indícios de que a convivência entre os diversos grupos era em Katueté mais tranqüila do que em outras localidades da região.

*Então cê, e foi um lugar privilegiado, organizado foi Katueté.
Entre paraguaio e brasileiro, estrangeiro e tudo. Toda fora, foi aqui, que aqui nunca
teve rivalidade.
Puente Kyjhá teve, Paloma teve, aqui não teve.
Conflito às veis existia, então cada um pro seu lado, muita mistura, aqui non é tão
misturado então o povo... se dava bem. Tudo mundo é amigo, cumpadre, paraguaio
cumpadre, cunhado já virô familiares tudo. Até hoje continua igual...
Logo no início começô misturá tudo. Brasileiro gostava de paraguaio e se misturava.
Muita moça é casada com paraguaio...²*

Em geral as relações de amizade entre vizinhos eram bastante cordiais e entre brasileiros afrodescendentes; nordestinos com relação aos paraguaios parecem ter sido ainda mais próximas do que com os teutodscendentes, como nos dá conta o relato da Sra Armelinda De los Santos Centurión:

² Relato Sr. Cláudio Hobold – 64 anos - Katueté, 07 maio 2007

Sabe que aquele tiempo habia gente de color oscuro, pretos. Para nosotros nos recordamos ellos eron los mejores amigos para nosotros. Parecia que nosotros nos dávamos más con esos pretos do que un poquito más do que con aquellos otros (referindo-se aos brasileiros de ascendência alemã), todos son iguales né. Mai para nosotros que até hoy fica en nossa mente ficamo pensando que ellos eron nossos mejores amigos para nosotros e que ellos fueron embora..Eron gente de Pernambuco, de Minas, tenia nortista.. disse que eron sergipanos..todos trabajavan na lavora..

Naquele tiempo tenia en la Fazenda España, fazenda paulista naquele tiempo, tenia quase como mil empleados³.

Relatos como esse sugerem haver uma espécie de identificação entre os colonos menos afortunados ou que de alguma forma não se sentiam plenamente integrados à comunidade que se formava, e que em termos numéricos eram minoritários ante a predominância cultural dos teuto-brasileiros, em meio a seus costumes e mesmo preconceitos. Fato concreto que observamos hoje, diferentemente das questões apontadas pelo antropólogo americano James Hay em sua pesquisa realizada no início dos anos 1980, cujo foco era a questão etno-cultural, que tencionavam a relação entre a convivência e o conflito, ao que tudo indica se metamorfoseou num acentuado processo de diferenciação socioeconômica, na qual a dimensão étnica deixa de ter maior importância, ao contrário do crescente ressentimento social que reverbera entre seus habitantes mais pobres.

A fala da Sra. Oliva de Las Nieves Villalba, que foi a primeira professora da região, misturando português e espanhol, é elucidativa dessa transformação, enfatizada numa dimensão intangível do universo feminino:

Nos primeros tiempos si. No habia diferencias porque no habia los ricos, eron gente simples. Los primeros tiempos era maravilloso, no habia brasileños, paraguayos, todos eron iguales. Ahora si hay muchas diferencias... comenzó a cambiar dentro de 15 años, quando la gente comenzaron a enriquecerse, ali comenzó. Que non eron una verdad, los mascateros traian las joyas italianas e ai comenzó las competencias entre las mujeres...

E ali comenzó esa classe social que cambió mucho Katueté...⁴

Os conflitos interétnicos eram em geral manifestados de forma sutil ou apenas quando os colonos teuto-brasileiros, por alguma razão, se viam ameaçados por alguém de fora do grupo, e isso acabava sendo uma forma de defesa e reafirmação de sua germanidade idealizada, que se preservou encapsulada no seu universo rurícola.

³ Relato Sra. Armelinda Martinez Centurión, 47 anos – Katueté 01/06/2007

⁴ Relato da professora Oliva de Las Nieves Villalba, 60 anos – Katueté, 07/05/2007

A apologia do culto ao trabalho, que foi intencionalmente manipulada pelas autoridades paraguaias, utilizou-se desses colonos como exemplo de labor e diligência a ser observado e imitado pelos camponeses paraguaios, e isso de algum modo acabava reforçando essa crença nos próprios colonos, que em geral tinham uma estima muito baixa de si mesmo. Friedhelm Westermann, que por longos anos acompanhou a trajetória de sua comunidade luterana desde Maripá, no sudoeste do Paraná, faz um comentário bastante preciso sobre esse comportamento, apontando certos aspectos da psique dos colonos:

*O colono tem pouco auto-estima... Só quando bebe se percebe isso. É passado para trás tantas vezes na sua vida, por vendedores de veneno, adubo, por compradores de milho, soja e todos seus produtos. E sempre lhe passam para trás . Vinte por cento descontam esse, cinco de esse e assim... E os outros sempre ficam ricos ahh..E ele fica lá, tem que trabalhá. E aí tem opinião de si que, se pudesse ser, fazer outra coisa ma non posso, non tenho estudo. Pergunta. - Tem um cargo ainda na diretoria? Non .. eu nem, no,no, no eu no sou estudado.
A auto-estima tá muito baixa ahh. É precisa um para pisar um poco. Então paraguaio ou caboclo...
Aí se vê as falências dele, que onde ele é campeão ahh , em trabalhá muito. Esse non muda muito.⁵*

Um fator que também contribuiu para o acirramento das diferenças socioeconômicas ao longo dos anos e que está de certa forma relacionado à adoção de culturas comerciais, como a da soja, foi o malogro de algumas colheitas decorrentes de intempéries que acometeram sucessivas safras. Muitos colonos se valeram de empréstimos bancários para a destoca, termo usual entre eles e que literalmente designa limpeza e preparo dos terrenos para a semeadura, que à época era feita manualmente e com o uso da força animal e de instrumentos rudimentares.

Poucos no início dispunham de máquinas mais eficientes ou de tratores; somente alguns anos mais tarde, por volta do ano de 1975, 1976, é que equipamentos mais pesados se tornaram disponíveis por empresas que prestavam esse serviço. Esses empréstimos tinham em média uma carência de dois a três anos, a contar da liberação dos valores contratados, descontados das taxas cobradas pelo banco no ato da liberação do empréstimo.

O malogro de algumas colheitas e os cálculos equivocados sobre o momento oportuno do plantio levaram muitos colonos ao endividamento e conseqüente perda de partes ou mesmo de toda a propriedade, que serviam como hipoteca nessas transações. As lembranças do casal Centurión sobre esses infortúnios, que acometeram muitos agricultores de Katueté ao longo dos anos 1970 e no início dos anos 1980, estão ainda muito presentes em sua memória e

⁵ Relato Friedhelm Westermann – Katueté 05/05/2007

foram para eles uma das principais razões pelas quais muitos vizinhos e colonos acabaram deixando o país.

- (Mário) *Em 1983 vino un creciente, una inundación de lluvia cumprida así e aí estragaron toda la producción e mucha gente perdieron su roça e aí se desanimaron. E muchos desses pobladores vecinos se fueran a Mato Grosso, Rondônia.*

- (Armelinda) *Veio uma chuva que justo em la época de colheita estrago, acabo mismo. Entonce mucha gente que tavam em banco em Corpus Christi, o único banco que para agricultor, entonse ese já non podía recuperar, entonse el banco saco la tierra e mucha gente, mucho vecinos, muchos colonos foran desengañados al Brasil, porque já non podían recuperar la tierra. Entonces aquele tiempo foran muchos vecinos que eron principales fundadores de Katueté. Pero ainda tiene otros...*

- (Mário) *Alguno volvieron, otros volvieran acá para o Paraná, alguno volvieron acá como el farmacêutico Geraldo Guilherme, ele era nostro primero farmacêutico...*⁶

- (Armelinda) *Ele vendeu tudo e foi pra Rondônia e non foi bon pra elle ai voltou de noevo...*

Sin, mucha gente voltou e no puede mas recuperar o que deixou acá...

Já o Sr. Constantino Salomon, além do problema bancário, enfatiza também em seu relato a falta de máquinas e equipamentos para a colheita da lavoura naqueles primeiros anos.

Essa deficiência, segundo ele, fez com que muitos colonos simplesmente perdessem suas colheitas no próprio terreno, atingidos por uma chuva mais intensa ou por uma estiagem mais prolongada, ficando destarte reféns da hipoteca bancária.

Quem entrô muito fundo no banco no tinha dinheiro esse se foi.

*O pobrema que tinha também era falta de máquina, o Weisse aquela veis ele perdeu os 30 dele, os 30 alqueire, ele estava bom, mais chuva e chuva, e non tinha máquina, poca máquina, acho que tinha uma só, o véio Stockler tinha, mais, muita gente assim...non tinha como fazê...*⁷

A trajetória econômica do Sr. Fridolino Heimann é um tanto lapidar sobre o cálculo equivocado que muitos pequenos agricultores fizeram acerca das promessas e possibilidades de ganhos certos envolvendo o plantio da soja. Ele e muitos outros agricultores foram acometidos pela tal “febre da soja”, que envolveu toda a região no início dos anos 1970, calcados nas facilidades em contrair créditos com juros relativamente baixos para o plantio e custeio. O malogro da sua colheita foi seguida por uma sucessão de problemas e infortúnios econômicos, que acabaram forçando-o a se desfazer de sua propriedade e a se empregar como tratorista na lavoura de um produtor mais forte, estabelecido na localidade de Cruce Guarani.

⁶ Relato da família Centurión, Mario De los Santos, 57 anos, e Armelinda Martinez, 47 anos – Katueté, 01/06/2007

⁷ Relato Sr. Constantino Salomon, 73 anos – Katueté 02/06/2007

Lá, juntamente com sua família, permaneceu por alguns anos, o que lhes possibilitou viver de modo satisfatório até se estabelecerem novamente em Katueté, onde ele passou a trabalhar por conta própria como mecânico de motores elétricos, numa modesta oficina instalada nas proximidades do centro da cidade.

Porém eles nunca mais conseguiram se reestabelecer na condição de agricultores que cultivam sua própria terra, e a fala do Sr. Frigolino denota uma mistura aguçada de autocrítica e frustração em relação às decisões tomadas no passado e uma exacerbada dose de ceticismo ante ao futuro.

Eu por exemplo, eu caí no soja.. ah eu caí no soja. Porque a região prantô soja e o negócio é só virá terra vermelha pra cima ehh por uma palavra que um vizinho me falô assim: - Cê sabe o que a vizinhança tá falando de você? – Num sei! - Eles tão dizendo que o teu sítio vai ser o único no meio de todos inquitado. Qué dizê, pra eles a quiçaça era o maior mal, virando a terra pra cima, veneno e química e fumaça de trator de colhedera seria tudo evolução ehh.. Hoje eu me vejo diferente se tivesse dexado em quiçaça nem que falassem eu talvez tava tendo minha terra di didi seis, quase seis alqueires. Aí o que que eu pensei vô prantá soja, fui no banco também e a região toda financiô, vô no banco também tirá financiamento aí eu toco isso co dinheiro ehh eu vendo leite que nem eu tava vendendo um poco de leite ali di sete a doze, quinze litros na vila di moto. Então eu dizia assim; - Faço meu movimento e lá eu toco com o dinheiro uhhhh. Primero ano deu uma seca (isso foi em 78) no plantio e o vizinho... Nois descarregamo o óleo no vizinho que tinha um trator, ele fazia o plantio pra mim e em troca eu consertava as máquina dele, só que aí ele foi consumindo o óleo todo e num plantô em tempo... Ele gastô o óleo levando time de futebol, puxando um time pra lá, pra cá. A gente depois até deu um jeitinho, mais assim mesmo foi tarde e num deu colheita...Quê qui fizemo, ai eu falei pra mulher tem mais um ano pra pagá o banco e num conseguimos pagá nem o juro nada, nada, até ficamo devendo pru mecanizado da estera, na época era cinco mil Guarani que ficô devendo na época era muito, vinte e seis, vinte e sete ano atraís. Aí eu combinei com a mulher de vendê o sítio em troco da dívida do banco, só que a terra minha valia como 2.000.000 de Guarani na época e a dívida tava em 500.000 Gurani, vinte e cinco por cento, ela tava endividava do valor dela, mais quem me comprava essa terra por mais do que a dívida? Ninguém! Porque todos os vizinho tava com a corda no pescoço, na mesma situação. Eu fui no banco lá e falei olha vim acertá a conta, mais é por aqui ó. Eu vim devorvê a terra intera pro banco. Aí foi que o gerente me falô que eles não tinha me arrumado terra no empréstimo foi dinheiro... Tive que vendê tudo por menos e saí dali...⁸

Tais problemas são muito presentes na memória da primeira geração de pioneiros que cresceu em Katueté, e que marcaram profundamente suas lembranças de infância, pois o malogro das primeiras colheitas acabou desencadeando crises familiares, cujo sentido mais

⁸ Relato Sr. Fridolino Heimann, 52 anos – Katueté 01/06/2007. A história do Sr. Fridolino difere um pouco das dos demais colonos entrevistados, pois foi um dos poucos cuja família migrou diretamente do Rio Grande do Sul para a região de Canindeyú. Seu pai estabeleceu-se nas proximidades de Salto del Guairá no final dos anos 1950, juntamente com mais alguns colonos teuto-brasileiros vindos do Rio Grande do Sul. Segundo relatos informais e pouco precisos, esse grupo de colonos era financiado por simpatizantes do Partido Nacional Socialista alemão radicados no Brasil e que pretendiam dar abrigo a fugitivos nazistas procurados pelo Mossad (Serviço Secreto Israelense). Tal projeto de colônia acabou não vingando e esses colonos foram deixados à própria sorte naquele valhacouto incrustado na selva.

comum era a sensação de arrependimento pela decisão tomada em migrar. Essas sensações desencadeavam frustrações individuais, que para muitas mulheres se manifestavam em estados de melancolia ou em formas de resignação ante o destino, enquanto que para os homens acometiam sua auto-estima e seus sentidos de potência, o que acabou impelindo muitos deles para o alcoolismo.

A história pessoal de Janete Engelmann, que migrou com seus pais e irmãos ainda muito pequena da localidade de Entre-Rios do Oeste, no estado do Paraná, para Katueté, foi marcada por alguns desses episódios e pela dura realidade cotidiana daqueles dias. Tal qual muitos migrantes teuto-brasileiros que se estabeleceram em Katueté, os pais de Janete também eram originários do estado do Rio Grande do Sul, onde nasceram, a mãe na localidade de Três Passos e o pai em Santo Bispo, próximo à cidade de Santa Rosa. No Paraná os avós e pais de Janete se estabeleceram na região de Marechal Cândido Rondon por volta de 1962, e foi nessa cidade que seus pais se conheceram, contraíram matrimônio e também tiveram a maioria dos filhos.

Em 1973 por determinação do seu pai, eles resolveram mudar-se para o Paraguai em busca de melhores oportunidades e na perspectiva de adquirir uma propriedade maior com a venda dos bens que possuíam no Paraná (o que de fato ocorreu), pois as terras que lá possuíam eram insuficientes para prover uma condição de vida melhor para a família.

No entanto, a promessa de um futuro melhor no Paraguai acabou se convertendo, no início daqueles anos 1970, num grande infortúnio para eles, e que somente foi superado com o passar dos anos e com muitas privações. Em sua longa fala, ela descreve com certos detalhes alguns daqueles eventos que marcaram a vida da sua família e de outros colonos, cujo percurso foi, de certo modo, semelhante.

Meu pai ele abriu a terra, começô plantá, é.. a gente tudo manualmente assim né.., aí depois, aí veio a época de fazê destoca, aí abri né. Aí foi aonde meu pai perdeu muito porque ele pra fazê a destoca pra abri ele teve que financiá, teve que entrá no banco financiá, pra podê pagá estera, o trabalho di limpá a área. Dois anos a fio depois da destoca e perdeu totalmente a produção. Um soja bonito, um soja bonito eu me lembro como se fosse ontem, assim a coisa mais linda. Na época ehhh...muitos colonos fizeram destoca então aconteceu o que não tinha recursos, não tinha ceifas pra colhê o soja entendeu.. então tinha muitas áreas destocada que precisava da ceifa pra, pra colhê o soja e não tinha ceifa suficiente. Então o soja madurava ehh não tinha ceifa pra colhê, chuvia uma, duas chuva em cima e perdia tudo, e foi o que aconteceu com meu pai dois anos. Aí meu pai praticamente quebrô, depois ele teve que vendê uma área, um lote de dez alqueires, uma colônia, pra podê cubri os gastos di, ele tinha de prejuízo, dispesa de destocá a lavora né. Então eu sei que foram anos assim que a gente passô muito, muito mal. A gente tinha assim pra comê o que a gente produzia, tinha galinha, tinha vaca, porco essas coisas, mais o meu pai chegô num ano de a gente não tê dinheiro pra comprá um pacote de trigo, aí nois pegava o milho, fazia pão de milho, comia batata assada de

manhã, arroz a gente colhia trazia no moinho pra moer...num tinha. Uma vez minha mãe me falô assim: - filha vai vendê ovos, tinha ovos, manteiga coisa assim pra vendê pra comprá algumas coisas que a gente precisava e eu vim pra cidade e não conseguia vendê, não tinha comprador. Todo mundo tinha pra vendê, assim, muita gente se saiu mal né e eu não consegui vendê eu sei que eu não sabia o que fazê, eu tinha uns doze anos, eu vim de bicicleta pra vendê isso e eu não consegui vendê, e aí eu pequei a manteiga e joguei fora, porque eu não queria voltá pra casa, aí eu me senti muito mal, minha mãe falô - filha tenta vendê ou tenta trocá por fermento, por coisas assim básica que a gente assim não consegue produzi na colônia... Eu fiquei muito triste por não consegui vendê, daí eu lembro que eu chorei muito naquele dia...

Foi uma época que a gente passô muita necessidade mesmo, foram dois anos assim e aí meu pai não tinha mais crédito também porque meu pai bebia tudo..

Muitos vizinho também passaram assim também, alguns tiveram um poco mais de sorte que conseguio colheita, conseguio a ceifa pra colhê, mais muita gente perdeu... Foi na época que começaram a mecanizá, não foi assim uma febre todo mundo mecanizando né, mais ninguém pensô que tudo aquela lavora tinha que ser colhida e daí eu acho que na época tinha duas, três máquinas pra colhê tudo uma região de não sei quantos hectares... Eu sei que a gente ia na roça, mesmo mecanizado toda pra colhê com máquina, a gente ia colhendo à mão, pra não perdê.

Minha mãe assim ela sempre dizia assim, se eu não queria vim, eu também se eu soubesse se eu tivesse visto eu não teria vindo. Ela nunca assim foi contente aqui, na época assim.

Eu acho que ela só começô mudá de opinião depois que a gente era adulto, depois que a gente cresceu aí ela começô a tê uma visão diferente, eles viero morá na cidade, quando tinha luz elétrica, quando entrô energia né. Então quando ela ia daqui pra lá, visitá as tias, a avó, lá eles tinha luz elétrica, lá eles tinham, entendeu todo aquele conforto, banheiro dentro de casa né, essas coisa, nois aqui não tinha nada, num tinha luz, a nossa energia era di lampião, era aquele a gás, se não era aquele di querosene se usava, era assim não tinha energia...⁹

A região de Katueté, embora se constitua numa típica região de fronteira tal qual o sentido atribuído por Webb (1932), que a define como situações históricas nas quais, regiões recém-incorporadas à cultura ocidental se caracterizam pelo estado de carência ou ausência de instituições e serviços, e que deixam de ser uma fronteira quando essas deficiências são superadas, ela também tem um sentido diacrônico, posto ser constitutiva da moderna expansão, e ganhos tecnológicos e materiais de toda ordem são incorporados quase que simultaneamente ao estabelecimento da nova sociedade.

Em nossa perspectiva, utilizamos de modo um tanto indistinto os termos “período pioneiro” ou “primeiros tempos” como indicativos da época e das circunstâncias da ocupação e colonização, no momento de instalação dos colonos na região e no enfrentamento das adversidades com que eles se depararam. Do mesmo modo, utilizamos a expressão “pós-fronteira” para designar o período e o estado de superação dessas condições primitivas e da edificação da comunidade em termos definitivos.

⁹ Relato Janete Engelman, 38 anos – Katueté, 04/06/2007

Em Katueté, como em outras localidades da região oriental do Paraguai, esse processo se deu num lapso muito menor de tempo do que em outras expansões de fronteira congêneres que a antecederam, como foi o caso das regiões norte e oeste do Paraná. Por essa razão, a precariedade e as dificuldades dos primeiros tempos, embora perdurassem por um período considerável, não foram um obstáculo à incorporação de certas tecnologias avançadas.

Noutros termos, os colonos, embora vivessem num padrão de vida bastante modesto, dadas as condições de adaptação ao novo meio, passaram a dispor de certos equipamentos e empregar certas técnicas agrícolas modernas muito cedo.

Esse aspecto fez com que essa fronteira rapidamente se convertesse numa zona de alta produção de *commodities*, apesar da limitada infra-estrutura de escoamento e de meios insuficientes para colher a crescente safra, fatores esses que acabaram contribuindo para o malogro de muitos agricultores naqueles primeiros anos, conforme observamos nos relatos anteriores. A observação do pastor Westermann é bastante esclarecedora do fenômeno, que acabou se estendendo e se reproduzindo de um lado para outro da fronteira Brasil-Paraguai.

Ele enfatiza que as oportunidades do *boon* da soja naqueles anos, não foram aproveitadas do mesmo modo pelos colonos e que o sucesso de alguns se deu, em certa medida, pela perspicácia e senso de oportunidades em detrimento da ingenuidade e de decisões equivocadas de outros, que, de certo modo, acabaram se aventurando para as terras paraguaias e se lançando num novo ciclo.

*Gente que destocou seus 10 alqueires pagava tanto por esteira, tantas horas tava limpo, e esse custava 300 mil cruzeiros, e esses pagavam em três anos, primero ano integravam 100 bolsas de soja, segunda prestação já era só 40 bolsas de soja e última era só dez bolsa de soja. O preço foi lá no alto. Créditos de Europa para aumentar o produção da soja e eles devam pra perder o dinheiro e os bancos non perderon, mas para o colono, o resultado é que no terceiro ano era mixaria pra pagá esse preço. E aí compraron trator, compraron o vezinho e dentro de poco algum já eron donos de 100 alqueires que antes non tinha nem bicicleta. Alguns que davam vivo, que observava e fazia no. Tinha otros que tentaram a mesma coisa que se empobreceram dentro de um, dois anos e fungiram para o Mato Grosso ou para Paraguai, também tinha muitos fugidos, deixaron tera tudo ahh. Nome sujo e vieron para cá e aqui tentaron fazê a mesma coisa ehhe.*¹⁰

¹⁰ Relato Friedhelm Westermann – Katueté 05/05/2007

Referências

HAY, Eston Hay. **Conflict and convivencia: A German-Brazilian frontier town in Eastern Paraguay**. M.A. thesis, University of Kansas, 1982.

JOUTARD, Philippe. **Ces voies que nous viennent du passé**. Paris: Hachette, 1983.

LAINO, Domingo. **Paraguai: fronteiras e penetração brasileira**. São Paulo: Global, 1979.

KOHLHEPP, Gerd. Colonización y desarrollo dependiente en el oriente paraguayo. **Revista Geográfica**, México, n. 99, enero-junio, 1984.

PÈBAYLE, Raymond. **Les brésiliens pionniers et bâtisseurs**. Paris: Flammarion, 1989.

_____. Les Brésilguayens, migrants brésiliens au Paraguay. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, Poitiers, vol. 10, n. 2, 1994.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In. Cultura e representação. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 14, 1997.

SOUCHAUD, Sylvain. **Pionniers brésiliens au Paraguay**. Paris: Éditions Karthala, 2002

WEEB, Walter P. **The great plains**. New York: Genn, 1932.